

RETALHOS COLONIAIS EM *A ÁRVORE DAS PALAVRAS* DE TEOLINDA GERSÃO

JOAQUIM MARIA BOTELHO¹

Gersão, Teolinda. A Árvore das Palavras. Sextante Editora, 6ª edição, Lisboa, 2008. 232 pp.
ISBN: 989809351

Ser: “O tempo é um hálito, um sopro. Não tem nenhuma pressa, demora-se, por momentos parece ficar parado para sempre”

Estar: “A passagem do tempo. Como um fio puxado, uma agulha correndo.”

Embora datado, o que é compreensível, já que é um livro de memórias, *A árvore das palavras* é um relato que começa com o registro de sensações que todos os pequenos experimentam, que o digam Tom Sawyer, Narizinho, os meninos da Rua Paulo. A narradora-menina retrata a vivência de toda criança, seja na Lourenço Marques pré-guerra colonial moçambicana, seja às margens do Mississipi, nas ruas de Budapeste ou num sítio brasileiro. É um recorte de vida. “... um pedaço de tempo, um pedaço mesmo só do tamanho de uma folha de palmeira.” Entrelaçado com o tempo, o espaço determinante situa e marca. A sorveteria, os quintais, as ruas, as estradas, as casas de comércio, a estação de trem, os cinemas. Tempo e espaço, completando-se em anúncios de filmes, que ocupam quase três páginas de deliciosa descrição de reclames da época. Espaço-tempo, em nomes de ruas, títulos de jornais, expressões estrangeiras, canções e folguedos na escola, fatos, rotinas, usos, costumes.

Mas é ficção. Da melhor qualidade, do ponto de vista da escritura e do pensamento, como nesta quase metáfora: “A noite era suave como um lenço velho, muito puído, gasto de tanto uso.” E que é que marca a primeira parte deste livro da escritora Teolinda Gersão, na sua prosa informativa e às vezes poética? É ela ter conseguido essa alegria peralta de criança,

¹ Joaquim Maria Botelho é jornalista e professor. Presidiu a UBE - União Brasileira de Escritores, entre 2010 e 2015. Autor, dentre outros, dos livros *Imprensa, poder e crítica* (ensaio), *Costelas de Heitor Batalha* (romance), *O livro de Rovana* (romance), *Lá Dentro* (contos).

Email: jmbotelho@uol.com.br

mesclada com adivinhados traços da plangência africana. As palavras da escritora definem as coisas e as situações sem meios tons, sem meias luzes. É de uma simplicidade despojada como uma capulana ou uma bata moçambicana. Simples como folhas de árvores.

À página 74, e só então, a autora revela o nome de sua personagem, que aprendia a escrever e desenhava as letras para compor Zita Marcelino Capítulo. Ao receber o nome, deixa o atávico anonimato dos “do povo” e adquire envergadura, identidade. O leitor brasileiro vai observar pessoas, lugares e atitudes muito semelhantes às que vê todos os dias, em nosso país. Há uma infinidade de itens de identidade entre Moçambique e Brasil.

Mas, de novo: este livro é ficção. Porque o julgamento da mulher madura aperfeiçoa o registro das impressões da menina, que revive as intensidades da sua infância, tão conflituosas quanto as da maturidade, apenas em outra escala. “O que penso não tem nitidez, é talvez só uma aproximação inexata. A vida cabe numa colher de gelado, respira-se, devora-se com a boca.” Paladar-gosto-estética. Uma criança não teria repertório vivencial para escancarar a riqueza do pensamento, dentro da simplicidade de uma frase como esta: “De noite, pensava ainda outras vezes, de noite não havia diferenças. Eu reencontrava a minha cara escura, e vivia com Laureano e Lóia na Casa Preta.” Mais adiante, uma elucubração acerca do mesmo tema, mas em país vizinho, a África do Sul: “Havia bebedouros de água para brancos e outros para negros, máquinas de comprar coca-cola para brancos e outras para negros, e assim por diante, em tudo havia uma diferença, uma parede invisível mas tão presente que se dava sempre nela com o corpo e os olhos.” Coisa que a autora considera tão estúpida quanto a lei que prevê cadeia para quem fizer sexo com gente de etnia diferente da sua.

Há de tudo ali, naquela folha de palmeira de duzentas e tantas páginas, observado pelos óculos (i)memoriais de Teolinda. Chegada e partida. (“Sinto o coração bater com muita força no meio daquelas plataformas de colunas altas, que vão diminuindo de tamanho, e parecem arrastar-nos para o lugar aonde convergem, lá no fundo.”) Os encantamentos. “Mesmo algo assim espantoso eu farei. Juro. Juro. Uma boneca viva, eu farei. E se alguém a cortar em pedaços eu coso-a com agulha e linha e ela fica inteira outra vez.” Desejos de filha de costureira, que vê a mãe compor uma boneca de trapos com dois gestos rápidos das mãos, unindo pedaços com invisível fio misterioso. As mágoas, com Laureano, o pai, por exemplo, que não tem ambição. As birras, quando não quer aprender balé nem morta: “Vou-me embora. Porque eu é descalça que irei dançar. E não aqui, mas na terra quente do quintal, embaixo das árvores.”

A menina fala com o vento e com as folhas das árvores. “A árvore abanava os ramos e eu pensava: a árvore das palavras”.

É disso que se trata o romance: de palavras ao vento, cosidas pelo fio invisível mas forte da lembrança. “Às vezes essa árvore reaparecia nos sonhos: Crescia à beira de um rio e tinha ramos que chegavam ao céu.”

Céu e terra. Sonho e realidade. África e Europa. Rico e pobre. Vegetal e animal.

As imagens vêm em duplas, em apanhados binários. Vegetal e animal, por exemplo. Há uma concretude quase física nas imagens do reino animal. “... apenas o cheiro e o calor nos guiavam, chegando até nós no vento morno, como um bafo de animal vivo.” Ou esta: “Como se a cidade pudesse armar-lhe uma cilada e mordê-la num pé – uma mordedura animal, infecta e malcheirosa.” Ou esta ainda: “Os coelhos são espertos. Mas ele não. Uma marmota, digo eu. Uma marmota, é o que ele é, uma estúpida marmota africana sem unhas nem fel.” Ou: “... o forro saindo pelos bolsos como as entranhas de um animal abatido.” E Zita imagina a tesoura de Amélia, a mãe, com as duas lâminas afastadas, num longo bico voraz...

E do reino vegetal: “Eu sou, dizia a árvore agitando os ramos, a semente abrindo no escuro, a água apodrecendo nas línguas, a floresta dormindo. Eu sou.”

A primeira parte do livro recende. É regida pelo olfato. Cheiro é uma palavra-chave: corpos de criança, cadáveres, docas, cozinha, a maresia.

Na segunda parte do livro, regida pela visão, uma narratária intrusa caminha, dentro do passado, entre o presente indicado e o futuro em edificação. E, em saltos de 24 quadros, recua para um pretérito ainda imperfeito no momento da narrativa e que depois se aperfeiçoa. Os personagens centrais são outros, no namoro epistolar da lisboeta Amélia com o moçambicano Laureano, a viagem, o encontro, outra rotina. Há um delicioso trecho em que a autora reproduz uma carta iletrada: “*Desejo que esta o vá encontrar de perfeita saude que eu ao fazer desta fico bem graças adens.*”

A terceira parte é um novo salto para outro tempo, desta vez para o presente, como se a autora tratasse de recolher as lembranças espargidas nas duas partes iniciais. Tem elementos gustativos em muitos pontos. “Apetece-me sempre olhá-los outra vez.” “Bebíamos vinho gelado e sabíamos que também a vida se bebia como um vinho, e embriagava.” Mas é a sensação da audição que predomina. “... continuava a martelar-lhe as palavras para dentro dos ouvidos, cada uma com mais força que a anterior, como se quisesse fazê-los rebentar.” “A grande noite da

África em volta, o silêncio cheio de ruídos.” É um capítulo que soa como chuva, como choro e como prece.

A árvore das palavras é construído em recortes, como pedaços de uma colcha artesanal que a narradora cose, um ou outro deixado para trás e retomado à frente, para ser juntado ao conjunto. Pedacos de um quebra-cabeças. Do ponto de vista formal, há parágrafos que não terminam, como retalhos mal cosidos, entrecortados. Ou como folhas de uma árvore, presas ao mesmo galho mas separadas entre si. Deslocadas. Gênese.

O posicionamento sócio-político da autora é vigoroso ao longo de todo o livro, mas só vai ganhar destaque, na narrativa, a partir do momento em que a guerra explode. Muito há de ser esclarecido, embora essas questões permaneçam apenas sendo pano de fundo.

E mais não podemos dizer, sob risco de atrapalhar a leitura de quem ainda não conheceu o livro. Diremos apenas que, ainda na forma, politicamente correta, Teolinda Gersão já aplica, neste livro publicado em maio de 2008, as novas normas do acordo ortográfico da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, previsto para vigorar apenas em 2009.

Como a sua narradora, Teolinda Gersão pode ser “uma agulha, uma agulha louca que cosia o mar.” Sem essa agulha, “uma vez soltas, as palavras não voltam mais a desaparecer, engolidas pela boca que as lançou. Transformam-se em pedra, uma vez dita, ganham vida própria, seguem o seu rumo. Não voltam nunca mais para trás.”

Teolinda Gersão, mais do que isso, cose continentes.